

Conversas da NEL para o X Enapol

VIGÊNCIA DO AMOR NAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES ATUAIS

Dupla coordenadora: Antonio Aguirre (†)

Piedad Ortega de Spurrier

Integrantes: Juan Althaus; Paola Cornú; Ivonne Espinoza; Roxana Faush; Gloria González; Sofía Guaraguara; María Solita Quijano; Carlos Quezada; Álvaro Rendón.

O tema proposto parte de uma afirmação que supõe que o amor conserva a sua presença nas configurações familiares atuais. Não obstante, com esta suposição, nos perguntamos: O que é fazer família hoje? O que é que a família transmite independente das suas formas? O que está em jogo nas configurações da família na atualidade? Esperamos poder avançar nestas indagações com algumas respostas e fazer as considerações que nos permitam circunscrevê-las.

No começo de seu ensino, Lacan considera a família na sua estrutura a partir da lógica dos complexos familiares, ela condensa um conjunto de funções no casal, historicamente constituído e já estabelecido a princípios do século XX, como ele o aponta a partir da sua clínica¹. Assim, a família cumpria as funções de aliança, filiação e procriação concentradas e distribuídas em cada um dos membros desse casal.

Nossa atualidade, marcada pela declinação da "ímago paterna", isto é, o pai como ideal, não corresponde às configurações que distribuíam estas funções entre os diversos membros da família estendida desde a antiguidade. Miller (2013) destaca: "vivemos uma época formidável porque estamos diante da saída da época do pai"², ao mesmo tempo expõe que o Édipo não é a única solução para o desejo, é só a sua forma normalizada.

Há algumas décadas colocou-se em circulação o significante "parentalidade", que acarreta implicações, na medida em que "não designa a sexuação nas funções parentais. São funções que não designam uma posição sexuada, como seria: função materna=mulher, função

¹ Lacan, J. *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938). Em: Outros Escritos. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2003

² Miller, J.-A. Conversa com Christine Angot no teatro Sorano em *Feminismo: variaciones, controversias*. Buenos Aires. Grama 2018

paterna=homem, mas que este conceito define a igualdade de direito entre ambos..."³ Com esta operação, se produz um apagamento das diferenças da maternidade e da paternidade, assim como de outras diferenças tais como homem-mulher, adulto-criança, o que implica uma paridade que inclui a própria criança.

Constatamos atualmente uma pluralidade de configurações familiares. Famílias tradicionais, monoparentais, homossexuais, com as suas diversidades nas vias de incluir filhos, também procuradas pelas tecnologias para a procriação, configurações que ganharam um lugar social, acompanhadas das legislações que lhes outorgam reconhecimento. Dessa forma as configurações familiares vão mudando e, na medida em que são afetadas pelo discurso capitalista no seu casamento com a ciência, organizam diversas formas de gozo.

É verdade que a ciência tem incidido na globalização ao estabelecer padrões para tudo, a partir de uma pragmática que coloca em evidência a frequente disjunção entre o pai real e a função simbólica, que já não constitui uma função de suporte, e nem de garantia. Corresponde aos sujeitos reinventarem formas diversas para afrontar as exigências do gozo nesta época onde a palavra tem perdido a sua função simbólica. Lacan tinha reconhecido este fato desde "*Função e campo da fala e da linguagem*" (1953) ao insistir a respeito do "corpo sutil" da linguagem.

Com estes antecedentes, nos formulamos o interrogante sobre a vigência do amor nos laços familiares e sobre o seu lugar quando se produz o encontro com a hiância na relação sexual. Os amores desventurados são um índice preciso de tal falhado encontro, neles encontramos algumas vezes um cinismo elevado numa aspiração ao gozo, que não parece articulado como sintoma num discurso, mas acompanhado por um sentimento de não-senso, num premente vazio.

Será que o amor está em crise, só por causa dos desencontros que lhe são próprios? Acontece o mesmo com os semblantes que servem a ele como sustento na atualidade. Mesmo assim, a exigência do amor continua sendo a mesma, a aspiração ao Um da fusão. O que contradiz estruturalmente o amor, não é a cultura, nem sequer a época, é o gozo.

O gozo não aspira nada e, por conseguinte, é dissociativo, diferentemente do amor que é associativo. É pelo amor que se erige a um Outro agalmático. É pelo gozo que ele se reduz a um objeto *a*, como mais-de-gozar.

³ Fryd, A. *Los niños amos*. Buenos Aires, Grama Ediciones, 2018. P.78

Assim, se apresenta uma dissimetria do gozo enquanto "absoluto particular"⁴ e do amor que faz laço. Não obstante, para tal simetria subjaz aquilo que Miller trabalha no capítulo quatro de *Extimidad* como *a solidariedade entre o gozo e o amor*, quando se pergunta pela forma de inclusão do objeto *a* no Outro, assunto ao qual leva à fórmula: *amar é dar aquilo que não tem*, pois "para poder dá-lo, é preciso tê-lo de um modo que é o de não tê-lo"⁵ e esta é a razão, nos diz, pela qual o amor e o gozo estão do mesmo lado, porque em ambos trata-se desse "absoluto particular" daquilo que fica de *a Coisa* no Outro, resto que não pode ser qualquer.

Portanto, mesmo que exista a dimensão do Um com toda a sua carga de autoerotismo, a oportunidade de poder passar pelo Outro pela via do amor, de poder fazer dele uma invenção, está ligado nesse resto de *a Coisa* que se localiza no campo do Outro. No nível sexual "a relação de casal" passa pelo gozo, pelo gozo do corpo e pelo gozo da língua, quer dizer que passa pelo sintoma... Entre o homem e a mulher está o sintoma"⁶

Desta forma, a relação de casal supõe que o Outro se converte num meio para o gozo do "corpo do Outro", expressão que contém o próprio corpo na sua dimensão de alteridade e também o corpo do partenaire sexual. Portanto, amor e sintoma podem ser entendidos como invenções, como maneiras de tramitar o impossível da relação sexual.

Mas não é só por culpa do gozo que não é possível conseguir a fusão amorosa. Tem também o inconsciente com o seu saber específico e a sua sintaxe particular que aponta as rotas do desejo e do gozo de cada um, marcando o seu caráter singular. O inconsciente como língua, é permeável ao discurso coletivo e em particular às imagens do casal. Nesse lugar encontramos a incidência da cultura e da época. Que as rotas do gozo e do desejo se associem ou não ao amor, dependerá de se é possível que se amarrem de alguma forma mais digna ao afrontar um furo que admite construções ou invenções sinthomáticas.

Aquilo que testemunha Paola Cornu⁷ no texto intitulado "Viver com a diferença: um amor mais digno" aponta que no final da análise se fez presente que "cada um escreve o seu arranjo - solução e invenção" afirma: "a minha solução, me deixa ir e vir, solta. Assim consenti o amor a alojar(se) solta e acrescentaria circulando com um homem, sem me arrancar ou desaparecer e

⁴ Miller, J.-A. *Extimidad. La solidaridad del goce y el amor*. Paidós. 2010 Pág. 66

⁵ *Ibid.*, p. nº. 70

⁶ Miller, J.-A. *El partenaire-sintoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008 Pág. 408

⁷ Cornu, P. Intervenção testemunhal. *Vivir con la diferencia: un amor más digno*, Primeira conversa da Nel para o X Enapol. Inédito, 20-03-2021

deixar de esperar a que voltem. A espera não desespera. Diria o início de com-viver com a diferença e inventar algo novo fora das condições de amor atravessadas pelos ideais; o amor narcisista que velava a falta e a inexistência do Outro".

Quando falamos das relações de casal é preciso considerar esse Além do Édipo colocado por Lacan, dimensão feminina do gozo que está sempre presente. Ao abordá-las temos o autoerotismo próprio do gozo que não tem vocação de se emparelhar com outro, e o amor como função que permite se enlaçar a outro e velar a ausência da relação sexual. Entre esses dois extremos há toda uma gama de dramas e comédias na procura constante de um objeto irremediavelmente perdido.

Dramas e comédias que evidenciam a dificuldade para que um homem possa suportar que a sua mulher não seja totalmente sua e isso a envolva num mistério, aquele que também é para si própria; ou que uma mulher consinta em ocupar o lugar de objeto no fantasma de um homem, quando hoje está tão vigente a justiça distributiva. Esse gozo suplementar é cada vez menos suportável quando a sociedade oferece todo tipo de *gadgets* que podem ser dominados e descartados.

O discurso da pós-modernidade com a sua fortaleza de ofertas desmedidas e ilusórias e a sua fragilidade ao atribuir a tudo uma data de expiração, redobra e atualiza o exílio dos sexos. A falsa saída, ao pretender apagar a diferença sexuada, satura com objetos que fortalecem a existência do Um com fins homeostáticos, com o qual não faz mais do que reintroduzir as tensões agressivas, a violência, as armações recíprocas ou, o pior.

E nisso tudo, onde fica o sujeito do inconsciente, o desejo? O quê do amor para a família ou para o familiar quando a parentalidade é a realidade atual que organiza novas formas de família e os modos de gozo imperantes?

DIVERSIDADE FAMILIAR, ESCOLHAS E MODOS DE GOZO.

Independentemente de como esteja constituída uma família, nela se produzem certos pactos de gozo que ficam amarrados e escritos em cada falasser. Se como propusemos, há um impulso em apagar a diferença e em expulsar a feminilidade, o heterogêneo, um impulso ao "tudo é possível", os ideais familiares estarão se contornando nessa mesma linha? O amor vigente é um amor a sustentar o mesmo? Que lugar há para a diferença e singularidade numa configuração familiar atual?

A questão das configurações familiares atuais que tem se desenvolvido em resposta aos movimentos expostos, não dizem por si de que forma operam as funções de filiação e transmissão. Ansermet⁸ se questiona sobre o que chama de diferencial geracional e diferencial sexual. ...Como se sustentam estes dois grandes diferenciais que são o suporte do parentesco e da ordem simbólica...? O que acontece se dispusermos de práticas que os fazem cambalearem?

Soma-se a isto, como diz Laurent, que o ser falante singular já é uma família hoje, "porque é o que fica daquilo que era a oposição (...) entre um modelo de família tradicional ou nada... agora há uma pluralização completa"⁹, até expor finalmente que, para Lacan, o pai é finalmente um sintoma e que se reduz a um "operador estrutural"¹⁰. Na clínica escutamos pacientes nos quais o amor e o ódio estão presentes quando se referem aos pais e outros familiares, de filhos que perambulam constantemente do lar materno para o paterno ou outros, pois existem famílias que se amarram dessa forma. Mesmo quando possamos sustentar que vivemos na "época do Outro que não existe", sabemos que a paixão odiosa está presente na medida em que a mesma aponta para o real.

O último ensino de Lacan nos indica a pertinência de se perguntar sobre a família desde a perspectiva borromeana. Se os três registros, real, imaginário e simbólico estão separados, o quarto termo, o *sinthoma* pode vir a auxiliar com alguma amarração de suplência. Sem este nó não há família possível nos vínculos entre os corpos que falam. Dessa maneira se produzem encontros falhos entre os pais ou com os seus filhos, ou a crise aparece entre a configuração e o Outro social, o furo do real se faz presente revelando a inexistência da relação sexual.

Uma curta vinheta sobre uma jovem filha de uma "família à distância" traz clareza sobre esses vínculos e a possível intervenção de um analista: Uma adolescente grávida chega à consulta de uma psicanalista. Reencontrou-se com a mãe depois de mais de dezoito anos, a comunicação se manteve por via telefônica. Diante da gravidez da adolescente, a mãe lhe sugere para que fique na Europa porque lá oferecem um bom atendimento. A adolescente lhe responde que não quer que o seu filho fique oculto para viver como um rato, se escondendo da polícia migratória e sentença "vou embora para o meu país, onde o meu filho crescerá em alegria e liberdade". Na

⁸ Ansermet, F. *Vértigos del origen, vértigos del porvenir*. Em: La práctica lacaniana en instituciones II. Soluciones, Invenciones. Buenos Aires, Grama ediciones, 2017.

⁹ Laurent, E. Racismo 2.0 -2014- <https://redpsicoanalitica.org/tag/eric-laurent/>.

¹⁰ Lacan, J. O Seminário XVII, *O avesso da psicanálise*, Rio de Janeiro, Ed. Zahar 1992, pág. 111.

sessão declara "Eu quero ser diferente", a analista afirma "sim", sancionando a escolha da futura mãe e a sua distância dos laços familiares prévios. A experiência analítica, como o expõe Eric Laurent¹¹, favorece "possíveis invenções que, pelo lado do laço amoroso, permitam à criança sair do desamor e do maltrato".

Numa recente conversa Jacques-Allain Miller (2021) se refere a fatos que se apresentam hoje com maior frequência e aponta um desdobramento dos mesmos em diversos âmbitos. Refere-se a "A criança trans" que aos seus quatro anos afirma "Não é o meu corpo. Quero outro corpo em vez do que tenho"¹². Rapidamente uma enorme pressão se exerce sobre a família para lhe dar essa satisfação. O aparato escolar se mobiliza, vão mudar o seu nome - informal, mas efetivamente - e vai ser preparado para que receba tratamentos hormonais, inclusive cirúrgicos, em algum tempo. Trata-se de um movimento que não admite questionamento algum, pelo qual Miller postula que se trata de "... a escuta sem a interpretação" porque "Tem que escutar o que diz o outro... tem que levá-lo a sério quando fala". Isso conduz para a ideia de que aquilo que o sujeito diz é verdadeiro, é exato e acrescenta: "é uma monstruosidade inclusive no nível sobre o que quer dizer ser um cidadão que, se apagar toda diferença entre a criança e o adulto, é o próprio fundamento da democracia que se põe em questionamento..."¹³

Então, no momento de considerar a vigência do amor nas configurações familiares atuais, são várias as arestas a levar em conta, mas no centro de todas elas, a função fusiva, de fazer laço que o amor traz consigo, dá toda a sua força para a definição lacaniana do amor como aquilo que faz o gozo condescender ao desejo. Independentemente da forma ou configuração que a família possa ter, é pelo amor que se faz possível inventar algo diferente com o desencontro estrutural do falasser.

O que pode oferecer a psicanálise para alguns sujeitos nascidos desta época em seus interrogantes ou exploração desde a prematura infância, sobretudo quando podemos nos encontrar com uma irreparável carência paterna? A eficácia simbólica da psicanálise, só seria possível se o analista for capaz de intervir no real, o que pode implicar, em algumas ocasiões, colocar limites, em outras, encorajar ou orientar sustentando o ato analítico.

¹¹ Laurent, E. *El análisis de niño y pasión familiar*, Enlaces 22, Buenos Aires, Grama.

¹² Miller, J.-A. Apresentação para a Revista de Psicanálise #9 na Rússia, 2021-05-15. Em: <https://psicoanalisislaciano.com>

¹³ Miller, J.-A. Apresentação para a Revista de Psicanálise #9 na Rússia, 2021-05-15. Em: <https://psicoanalisislaciano.com>

O analista cumpriria uma função de quarto círculo que objeta e cumpre a tarefa de constituir uma amarração sinthomática, ali onde os outros (R-S-I) se encontram dispersos e assim, amarrá-los¹⁴. Uma presença que não é da família, mas poderia fazer admissível uma aposta familiar. É um enfoque de Serge Cottet¹⁵ de 2006 que, a nosso entender, tem plena vigência.

Tradução: Eva Arenas

¹⁴ Aguirre, A. Notas preparatórias para o presente trabalho, julho 2021, Inédito.

¹⁵ Cottet, S. *El padre pulverizado*, Virtualia 15 Revista digital da EOL, Agosto 2006, ano V.